

Desempenho do mercado de trabalho tem sido caracterizado pelo aumento da inatividade¹⁴

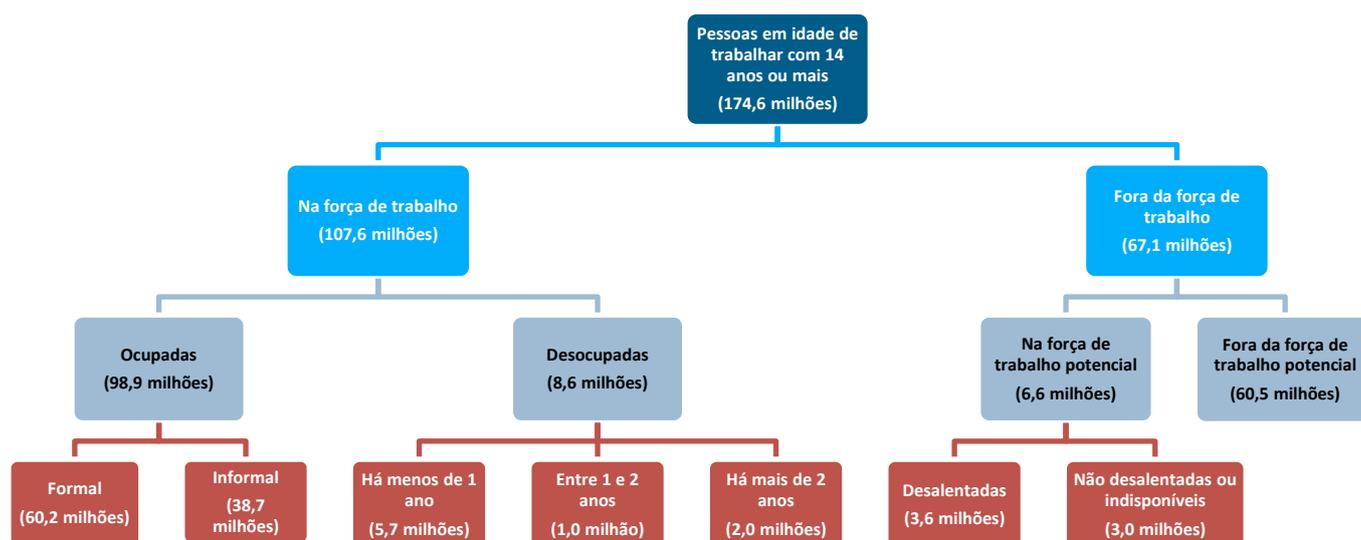
Rafael Bacciotti

A PNAD Contínua revela um cenário favorável no mercado de trabalho, marcado pelo aumento da população empregada no setor formal e pela redução do desemprego de longa duração. No entanto, a taxa de participação permanece abaixo dos níveis pré-pandemia, apesar da diminuição do desalento, impulsionada pelas melhorias nas condições econômicas. Neste contexto, o artigo explora os dados desagregados da pesquisa amostral do IBGE para identificar os motivos por trás do aumento da inatividade. Nota-se um acréscimo de 6,7 milhões de indivíduos fora da força de trabalho potencial em comparação com o período anterior à pandemia, a maioria dos quais tem 60 anos ou mais, seguida por pessoas de 25 a 59 anos dedicadas aos afazeres domésticos e familiares.

Os números recentes do mercado de trabalho indicam condições favoráveis de emprego e renda no país. A taxa de desemprego permanece em níveis relativamente baixos, a ocupação cresce sustentada pelo emprego formal e o rendimento real médio tem crescido à medida que a inflação recua. Chama a atenção, no entanto, o comportamento da taxa de participação, que ainda não retomou os níveis registrados no quarto trimestre de 2019. Entender esse fenômeno é importante em razão das consequências de médio e longo prazo para o produto potencial da economia e das receitas previdenciárias.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no segundo trimestre de 2023¹⁵, a população em idade de trabalhar, composta por 174,6 milhões de pessoas com 14 anos ou mais, estava distribuída da seguinte maneira: 98,9 milhões estavam empregadas, 8,6 milhões estavam desempregadas e 67,1 milhões não faziam parte da força de trabalho (Figura 1). As pessoas ocupadas, aquelas que estão atualmente empregadas, e desocupadas, as que se encontram em busca de um emprego e disponíveis para trabalhar, compõem a força de trabalho, representando o conjunto de mão-de-obra disponível na economia para a produção de bens e serviços.

FIGURA 1. NÚMERO DE PESSOAS EM IDADE ATIVA: 2º TRIMESTRE DE 2023



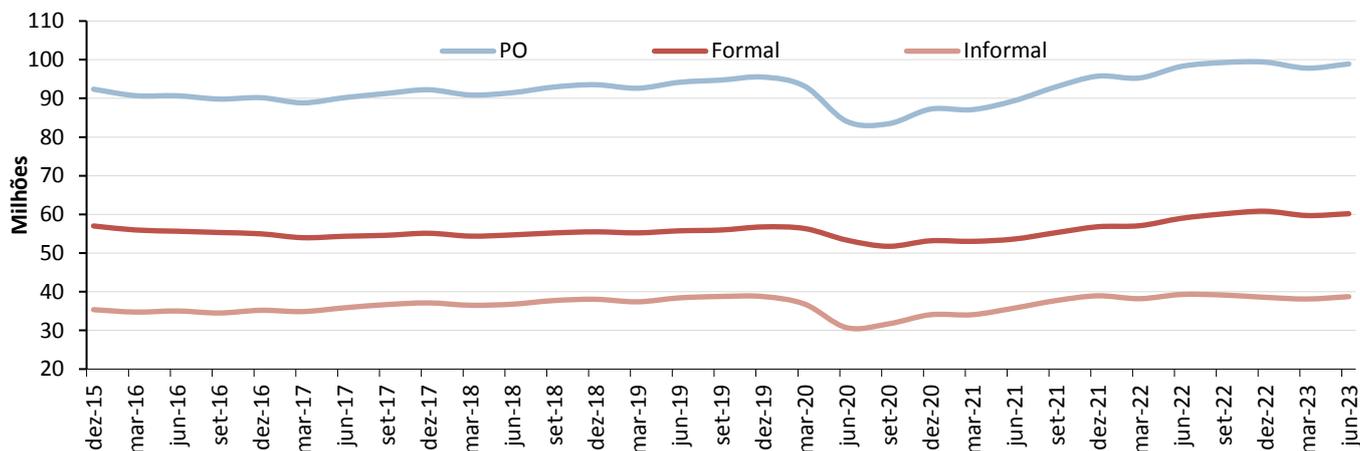
Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

¹⁴ Acesse o relatório completo por aqui: <https://www12.senado.leg.br/ifi/publicacoes-1/relatorio/2023/outubro/raf-relatorio-de-acompanhamento-fiscal-out-2023>.

¹⁵ Embora o IBGE já tenha publicado a PNAD Contínua mensal referente a agosto, a pesquisa trimestral (a mais recente é a do segundo trimestre de 2023) fornece informações detalhadas no menor nível de desagregação (microdados).

Das 98,9 milhões de pessoas empregadas, 60,2 milhões estavam inseridas no setor formal, enquanto 38,7 milhões, o que equivale a 39,1%, trabalhavam no setor informal. Em relação às 8,6 milhões de pessoas desocupadas, 5,7 milhões procuravam emprego, sem sucesso, há menos de 1 ano, 1,0 milhão estava nessa busca entre 1 e 2 anos, e 2,0 milhões estavam desempregadas há mais de 2 anos.

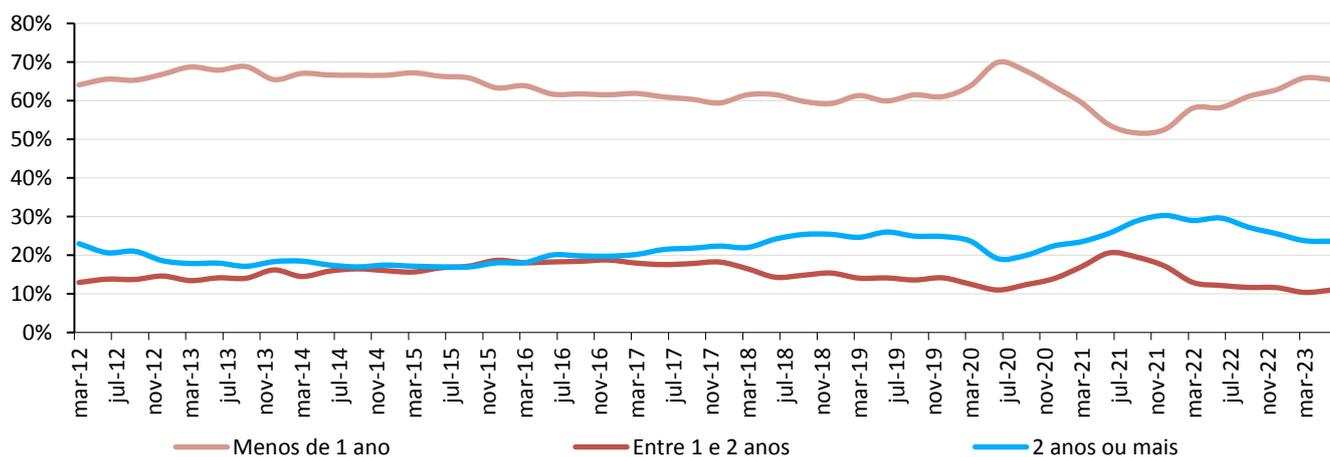
GRÁFICO 10. NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

No que se refere à parcela da população que não estava incluída na força de trabalho, 6,6 milhões pertenciam à força de trabalho potencial. Isso significa que não estavam atualmente empregadas nem desempregadas, mas tinham o potencial¹⁶ de se tornarem parte da força de trabalho. Dentro da força de trabalho potencial, 3,6 milhões foram classificadas como desalentadas¹⁷. Essas pessoas tinham disponibilidade para trabalhar, mas por algum motivo não se sentiram estimuladas a procurar um emprego. É relevante destacar que a maioria das pessoas fora da força de trabalho, cerca de 60,5 milhões, não fazia parte da força de trabalho potencial, o que indica vínculos mais fracos com o mercado de trabalho.

GRÁFICO 11. PARCELA DE DESOCUPADOS POR TEMPO DE PROCURA



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

¹⁶ Ver IBGE (2021) para um detalhamento dessa classificação, disponível em: <https://t.ly/snJU2>.

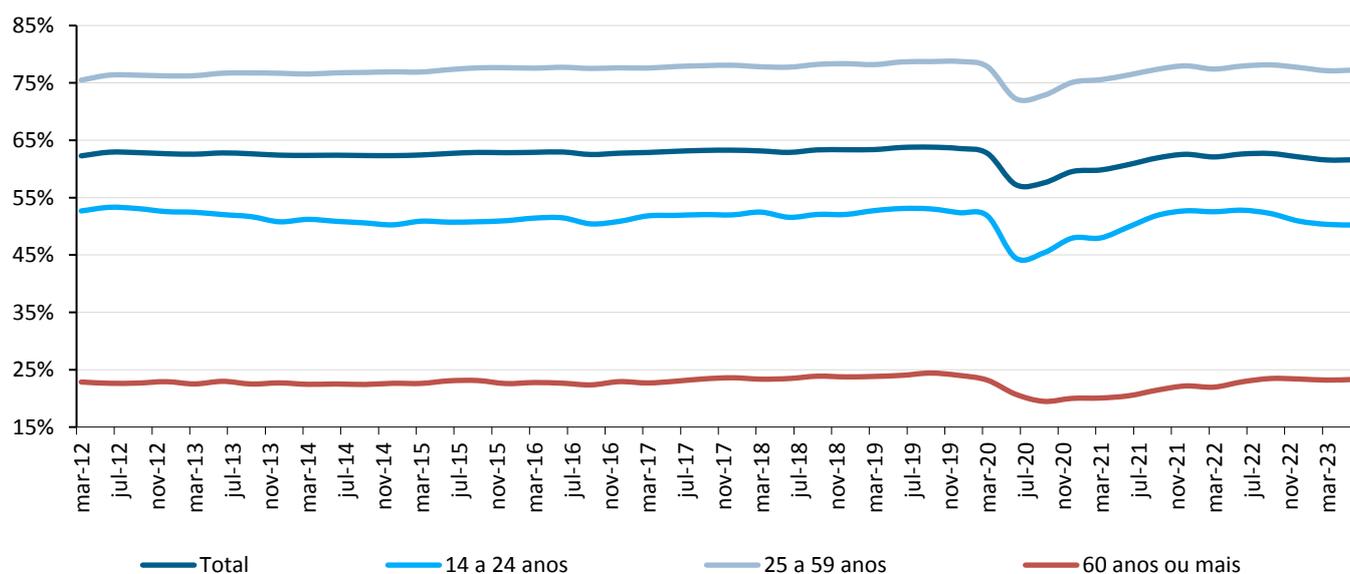
¹⁷ Conforme a definição do IBGE, em consonância com as práticas internacionais, pessoas desalentadas são aquelas que, embora estejam disponíveis para assumir um emprego na semana de referência da pesquisa, não empreenderam uma busca efetiva por trabalho devido aos seguintes motivos: não conseguir encontrar um emprego adequado, não ter experiência profissional ou qualificação suficiente, não haver oportunidades de trabalho em sua localidade de residência ou não conseguir trabalho por ser considerado muito jovem ou muito idoso.

Comparativamente ao segundo trimestre de 2022, a população ocupada registrou um aumento de 0,7%, atingindo 98,3 milhões de pessoas. Esse aumento na ocupação foi impulsionado pelo desempenho positivo do setor formal¹⁸, que registrou um crescimento de 2,0% na mesma comparação. Por outro lado, o setor informal apresentou queda de 1,4%. Importante destacar que a geração de vagas na economia vem desacelerando. A variação acumulada em quatro trimestres da população ocupada recuou de 7,4% no quarto trimestre do ano passado para 3,4% no segundo trimestre deste ano. No setor formal, essa variação passou de 8,4% para 5,6%, enquanto, no setor informal, diminuiu de 6,0% para 3,0%. Enquanto o emprego formal está acima dos níveis pré-pandemia, o emprego informal está praticamente no mesmo patamar (Gráfico 10).

Em comparação com o segundo trimestre de 2022, o contingente de desocupados diminuiu 14,2%, passando de 10,1 milhões para 8,6 milhões de pessoas. Essa queda no número total de pessoas desocupadas tem sido acompanhada por uma redução no tempo médio de procura por trabalho. No Gráfico 11, observa-se que a parcela de desempregados que permanece nessa situação por mais de dois anos apresentou uma redução considerável, passando de 29,6% do total de desocupados no segundo trimestre de 2022, o que corresponde a 3,0 milhões de pessoas, para 23,6% no segundo trimestre de 2023 (2,0 milhões de pessoas). Esse dado é positivo, uma vez que o desemprego de longa duração prejudica a capacidade de reinserção no mercado de trabalho.

Uma questão intrigante no mercado de trabalho tem sido a persistência da taxa de participação em níveis mais baixos do que costumava-se observar antes da pandemia, especialmente considerando que houve um aumento da demanda por trabalho em resposta à reabertura da economia. Este indicador, que representa a proporção de pessoas na força de trabalho em relação à população em idade de trabalhar, aumentou de 62,3% no primeiro trimestre de 2012 para 63,6% no quarto trimestre de 2019. Contudo, devido à pandemia, a taxa de participação no mercado de trabalho sofreu uma queda abrupta de 6,3 pontos percentuais em junho de 2020, atingindo 57,3%. Houve, na sequência, uma recuperação ao longo de 2021, quando a tendência novamente se tornou negativa (Gráfico 12), mesmo com o fim das restrições. No segundo trimestre de 2023, 61,6% da população com 14 anos ou mais estava na força de trabalho, o que representa uma estabilidade em relação aos primeiros três meses do ano, mas ainda 1,0 ponto percentual abaixo do mesmo período do ano anterior e 2,0 pontos percentuais abaixo do nível pré-pandemia.

GRÁFICO 12. TAXA DE PARTICIPAÇÃO



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

¹⁸ De acordo com o IBGE, a população com vínculo formal inclui as seguintes posições: trabalho com carteira assinada nos setores privado e público, militares e estatutários, trabalho doméstico com carteira assinada, empregador com Cadastros Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e trabalho por conta própria com CNPJ.

Os dados da PNAD Contínua apontam, nesse sentido, uma tendência de crescimento no número de pessoas que estão fora da força de trabalho. Esse indicador teve um aumento expressivo em 2020 devido à pandemia, que desencorajou a procura ativa por trabalho. Posteriormente, houve uma diminuição em 2021, mas, a partir de meados de 2022, voltou a subir, como mostra o Gráfico 13. No segundo trimestre de 2023, o contingente fora da força de trabalho aumentou 3,6% em comparação ao mesmo período do ano anterior, ficando 8,9% acima do nível pré-pandemia.

GRÁFICO 13. FORA DA FORÇA DE TRABALHO

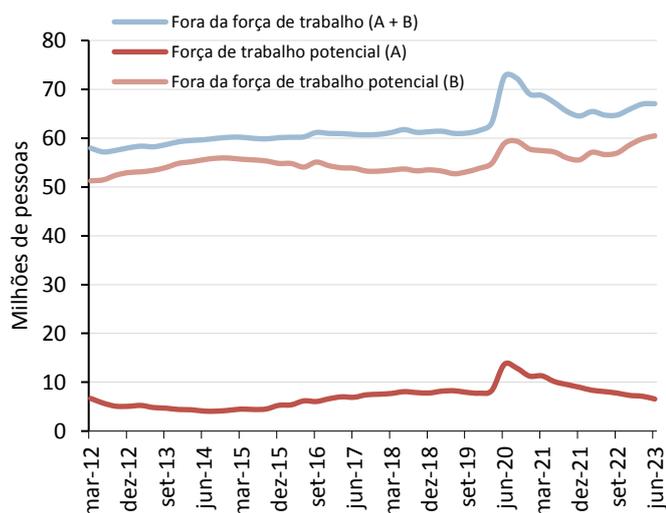
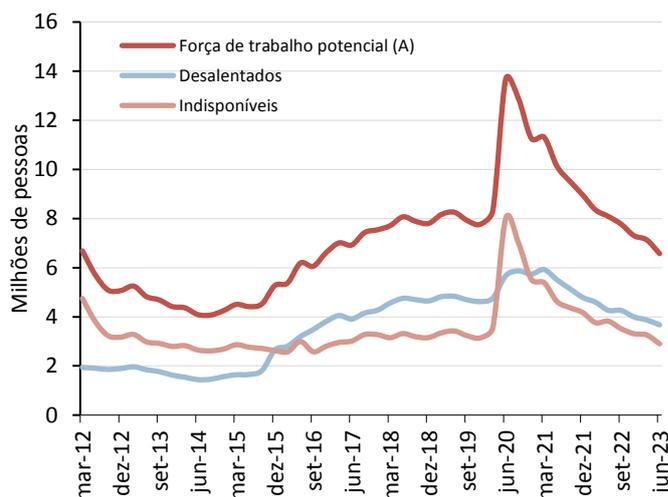


GRÁFICO 14. FORÇA DE TRABALHO POTENCIAL

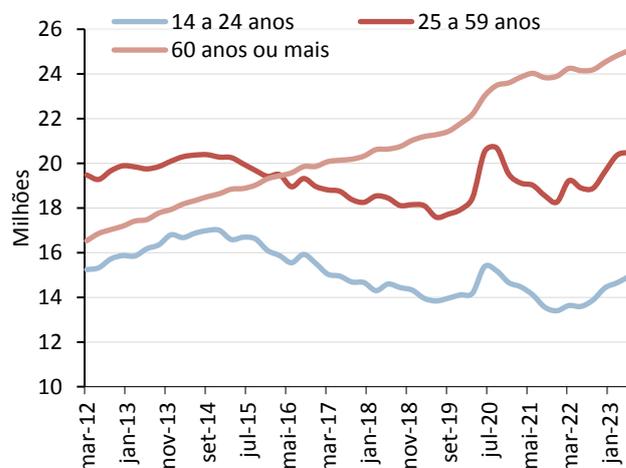


Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

É importante notar que, embora haja um aumento da inatividade total, essa tendência reflete comportamentos distintos entre as pessoas que fazem parte da força de trabalho potencial e aquelas que estão fora dela. Por um lado, a força de trabalho potencial continua diminuindo, o que se deve tanto à redução do número de pessoas desencorajadas a procurar trabalho devido à falta de oportunidades, quanto à diminuição do número de pessoas não desalentadas ou indisponíveis (Gráfico 14). Esse quadro é consistente com a expansão observada nas contratações com carteira assinada e a menor duração no desemprego. Por outro lado, a tendência de redução do número de pessoas fora da força de trabalho potencial, observada em 2021, foi interrompida desde então.

O Gráfico 15 apresenta o número de pessoas fora da força de trabalho potencial, dividido por grupos de idade. Nota-se que a expansão observada até o quarto trimestre de 2019 na faixa etária de 60 anos ou mais intensificou-se durante 2020, retomando um padrão semelhante ao observado anteriormente. No entanto, as faixas etárias de 15 a 24 anos e de 25 a 59 anos, também afetadas pela pandemia, voltaram a aumentar no início do ano passado, apresentando uma dinâmica discrepante em relação à tendência histórica. Desde o início da pandemia, houve um acréscimo de 6,7 milhões de pessoas classificadas como fora da força de trabalho potencial, distribuídas da seguinte forma: 3,3 milhões têm mais de 60 anos, 2,6 milhões estão no grupo de 25 a 59 anos e 0,8 milhão de pessoas pertencem ao grupo de 15 a 24 anos.

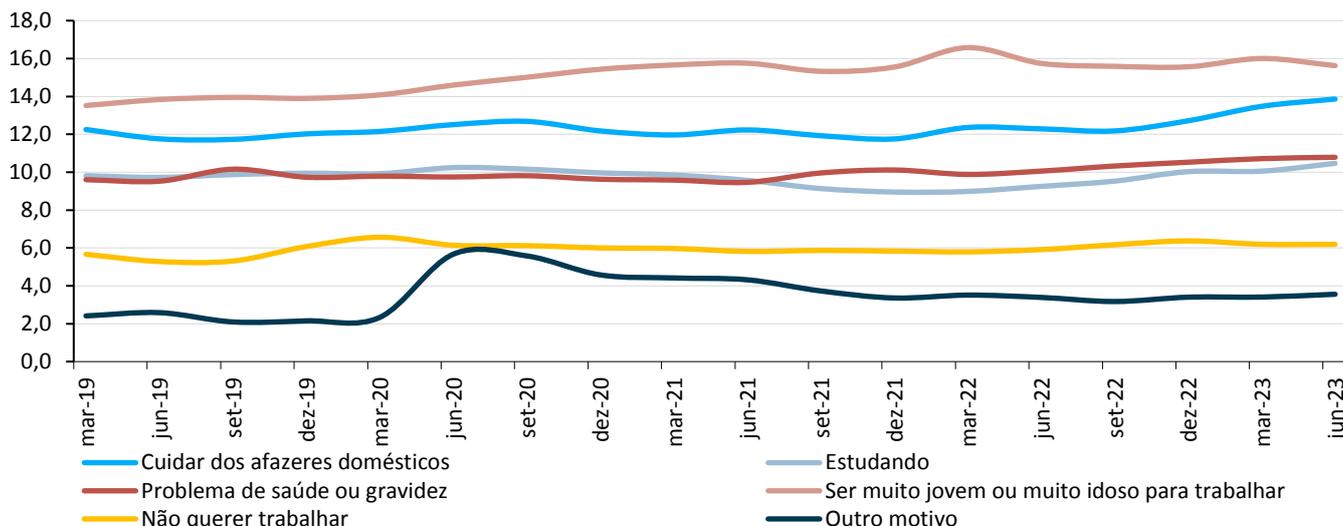
GRÁFICO 15. NÚMERO DE PESSOAS FORA DA FORÇA DE TRABALHO POTENCIAL: GRUPOS DE IDADE



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

Os microdados da PNAD Contínua permitem uma análise das possíveis razões por trás do aumento da inatividade entre a população em idade de trabalhar (Gráfico 16). O número de pessoas em idade de trabalhar que mencionou, durante a entrevista da pesquisa, cuidar dos afazeres domésticos e da família como motivo para permanecer economicamente inativas aumentou em 1,8 milhão entre o quarto trimestre de 2019 e o segundo trimestre de 2023. Além disso, houve acréscimos de 1,7 milhão naqueles que citam a idade como motivo para estar na inatividade, 1,1 milhão alegando problemas de saúde ou gravidez, 0,5 milhão envolvido com estudos, 0,1 milhão que simplesmente não querem trabalhar e 1,4 milhão mencionando outros motivos.

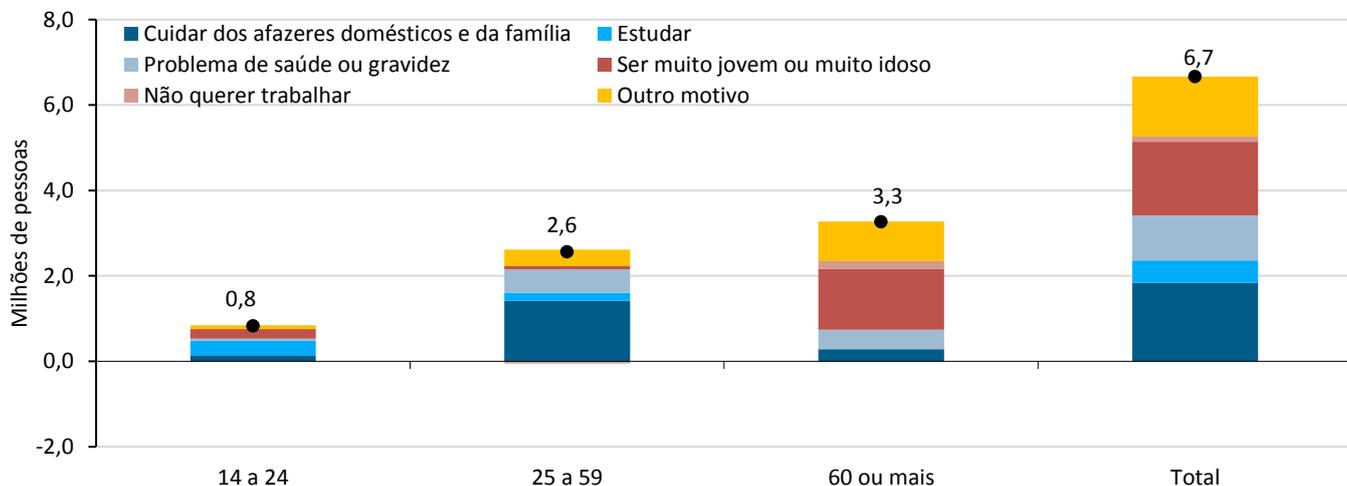
GRÁFICO 16. NÚMERO DE PESSOAS FORA DA FORÇA DE TRABALHO POTENCIAL: MOTIVO PARA A INATIVIDADE



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

O Gráfico 17 ilustra que o aumento da inatividade entre o quarto trimestre de 2019 e o segundo trimestre de 2023 ocorreu nos três grupos etários. Uma parcela dos indivíduos com idade entre 14 a 24 anos deixou o mercado de trabalho para se dedicar aos estudos, enquanto aqueles entre 25 e 59 anos optaram por sair do mercado de trabalho para assumir afazeres domésticos e responsabilidades familiares, ou por enfrentar problemas de saúde ou gravidez. Além disso, pessoas com 60 anos ou mais deixaram a força de trabalho devido ao avanço da idade e questões de saúde. É importante observar que uma parcela considerável do aumento da inatividade em todos esses grupos etários foi associada a outros motivos não especificados.

GRÁFICO 17. VARIAÇÃO NA INATIVIDADE ENTRE 4T/19 E 2T/23 POR GRUPOS DE IDADE E MOTIVOS PARA NÃO PROCURAR EMPREGO



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

A PNAD Contínua revela um cenário positivo no mercado de trabalho, caracterizado pelo aumento da população empregada no setor formal e pela redução do desemprego de longa duração. No entanto, a taxa de participação permanece abaixo dos níveis pré-pandemia, apesar da diminuição do desalento favorecida pelas melhorias nas condições econômicas, incluindo emprego e renda. A possibilidade de a participação na força de trabalho retornar aos níveis observados antes da pandemia depende de identificar em que medida o aumento da inatividade se deve a fatores temporários e conjunturais que podem ser revertidos, em oposição a fatores mais persistentes.

Vale registrar que, na maioria dos países da OCDE¹⁹, a taxa de participação já superou os níveis pré-covid-19, com um aumento médio de 1 ponto percentual. Isso indica que as preocupações de que a pandemia pudesse resultar em uma redução permanente no engajamento no mercado de trabalho não se materializaram. No entanto, as taxas de participação ainda permanecem mais baixas do que antes da crise em sete países-membros, com os maiores declínios observados na América Latina, com destaque para Costa Rica, Colômbia e Chile.

¹⁹ Ver “OECD Employment Outlook 2023: Artificial Intelligence and the Labour Market”, disponível em: <https://t.ly/VPEIN>.

Projeções da IFI

CURTO PRAZO

Projeções da IFI	2023			2024		
	Setembro	Outubro	Comparação	Setembro	Outubro	Comparação
PIB – crescimento real (% a.a.)	2,97	2,97	=	1,22	1,22	=
PIB – nominal (R\$ bilhões)	10.699,91	10.699,91	=	11.348,79	11.348,79	=
IPCA – acum. (% no ano)	5,11	5,11	=	3,84	3,84	=
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	5,08	5,08	=	5,15	5,15	=
Ocupação - crescimento (%)	1,10	1,10	=	0,98	0,98	=
Massa salarial - crescimento (%)	5,14	5,14	=	1,28	1,28	=
Selic – fim de período (% a.a.)	11,75	11,75	=	9,50	9,50	=
Juros reais ex-ante (% a.a.)	6,26	6,26	=	5,33	5,33	=
Resultado Primário do Setor Público Consolidado (% do PIB)	-1,07	-1,04	▲	-1,04	-0,97	▲
dos quais Governo Central	-0,97	-0,94	▲	-1,24	-1,17	▲
Juros Nominais Líquidos (% do PIB)	6,70	6,72	▲	5,35	5,22	▼
Resultado Nominal (% do PIB)	-7,77	-7,76	▲	-6,38	-6,18	▲
Dívida Bruta do Governo Geral (% do PIB)	75,83	75,82	▼	78,39	78,19	▼

ifi